

# NOTAS SOBRE O RIGOR-RELEVANCE GAP NO CONTEXTO DO MESTRADO PROFISSIONAL

## RIGOR-RELEVANCE GAP IN THE SCOPE OF PROFESSIONAL MASTER COURSE

Recebido em: 19/07/2018 • Aprovado em: 16/10/2018

Avaliado pelo sistema *double blind review*

Editor Científico: Edson Sadao Iizuka

DOI 10.13058/raep.2019.v20n1.1213

**OCTAVIO RIBEIRO DE MENDONÇA NETO** *octavio.mendonca@mackenzie.br*

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

**ALMIR MARTINS VIEIRA**

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO

**JOSÉ CARLOS TIOMATSU OYADOMARI**

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

### RESUMO

A falta de sintonia entre a pesquisa acadêmica e as necessidades dos práticos na área de contabilidade e gestão (rigor-relevance gap) é fato conhecido e que vem sendo discutido na academia. O presente ensaio tem por objetivo contribuir para a discussão do papel dos mestrados profissionais na mitigação deste problema (rigor-relevance gap), ao discutir as principais razões para a falta de alinhamento entre a pesquisa acadêmica e a prática profissional, ou seja, a resistência na incorporação da técnica pela cultura e resistência da academia na aceitação de paradigmas de pesquisas alternativos. Propõe a utilização da pesquisa intervencionista como uma metodologia de pesquisa alternativa a ser utilizada pelos mestrados profissionais na solução de problemas práticos e criação de conhecimento, sugerindo que, para que diminuição do rigor-relevance gap, alguns passos precisam ser dados, o que inclui aperfeiçoamento dos critérios de avaliação da CAPES, além da aceitação, por parte da academia, de paradigmas de pesquisas alternativos e ampliação do espaço para a divulgação da produção dos mestrados profissionais.

**Palavras-chave:** *rigor-relevance gap*, mestrado profissional, pesquisa intervencionista, prática.

### ABSTRACT

*Rigor-relevance gap between academic-practitioner relationships is a constant dilemma in the academic scenario. Considering the postgraduate matter, this essay deals with the role of professional master course in order to present some issues related to avoid the mentioned gap. The article stresses the resistance by the academy in accepting the importance of practitioner aspects in the elaboration of alternative ways of research, especially in the professional master courses related to areas such as accounting and business. The interventionist research is discussed like an option to promote the development of practitioner ways of teaching and researching, considering the role of professional master programs, assuming that the empirical field promotes effective learning. The article propose that government departments such as CAPES should concentrate efforts in order to mitigate the rigor-relevance gap, as well as the dissemination of professional master research results, assuming the crucial role in marketing scenario, organizations and society.*

**Keywords:** *rigor-relevance gap*, professional master course, interventionist research, practice.

## INTRODUÇÃO

A falta de sintonia entre a pesquisa acadêmica e as necessidades dos práticos na área de contabilidade e gestão (*rigor-relevance gap*) é um fato sensivelmente conhecido e que vem sendo discutido de forma recorrente na literatura (HOPWOOD, 1983; SCAPENS, 2006; VAN DE VEN; JOHNSON, 2006; AHRENS; CHAPMAN, 2007; HUGHES; O'REGAN; WORNHAM, 2008; MALMI; GRANLUND, 2009; MALMI, 2010; SCAPENS, 2010; SEAL, 2010; NICOLAI; SCHULZ; GÖBEL, 2011; BARTUNEK; RYNES, 2014; COLEMAN, 2014).

Em editorial escrito para um número especial do periódico *Management Accounting Research*, dedicado à relação entre a teoria e a prática em contabilidade gerencial, Baldvinsdottir, Mitchell e Nørreklit (2010) manifestaram seu desapontamento diante do reduzido número de artigos submetidos para discutir o tema, perguntando se tal fato não revela a falta de preocupação da comunidade acadêmica com a relevância de suas pesquisas para o aprimoramento da prática. Scapens (2010), neste mesmo número do *Management Accounting Research*, alertou que, se a resposta a este questionamento for positiva, o papel social da pesquisa acadêmica merece ser questionado.

A literatura sugere também que este desalinhamento não se limita à pesquisa, mas se estende também ao ensino. Hughes, O'Regan e Wornham (2008) registram que “[...] grande parte do ensino e da pesquisa realizada nas universidades é irrelevante para as necessidades das empresas” (p. 216).

Bennis e O'Toole (2008), por sua vez, salientam que os cursos da área de gestão, ao adotarem um modelo de ciência baseado em análises econômicas e financeiras abstratas e estatísticas multivariadas, produzem algumas pesquisas de qualidade, mas que são cada vez menos relevantes para os práticos. Além disto, não conseguem desenvolver em seus alunos habilidades úteis, não formam líderes e falham em conferir-lhes normas de comportamento ético. Apontam ainda os autores que as escolas de direito e de medicina adotam um modelo diferente, privilegiando a experiência prática, modelo este no qual as escolas de gestão deveriam se espelhar,

afinal, continuam os autores (2008), “administração não é uma disciplina científica, mas uma profissão e, portanto, seus cursos devem ensinar aquilo que uma educação profissional requer” (p. 99).

Nesta mesma linha crítica, baseado nos resultados de uma pesquisa realizada junto a 34 administradores de fundos de investimento de Nova Iorque, Melbourne, Londres e Istambul, Coleman (2014) constatou que: “[...] a teoria de finanças tem uma relevância limitada para os práticos porque sua abordagem quantitativa requer dados sobre o futuro (que não estão disponíveis) e porque ignora os objetivos e as habilidades dos práticos [...]” (p. 226). Afirma ainda Coleman (2014) que “desta forma, há um intrigante paradoxo na área de finanças: a teoria neoclássica de investimento forma a base do ensino acadêmico e de sua principal linha de pesquisa; enquanto que os práticos em finanças preferem utilizar métodos alternativos” (p. 226).

A realidade brasileira, neste aspecto, não é diferente. Aqui, a literatura também sugere um descompasso semelhante entre a pesquisa e a prática (SOUZA; LISBOA; ROCHA, 2003; FREZATTI, 2005), descompasso este que já vem sendo discutido há algum tempo também em trabalhos relacionados ao papel dos mestrados profissionais.

Wood Jr. e Paes de Paula (2004), por exemplo, analisaram uma polêmica ainda bastante atual, promovida por alguns críticos que sugerem que os mestrados profissionais nada mais são do que cursos de *lato sensu* MBA (*Masters Business Administration*) com uma nova roupagem e concluem que os mestrados profissionais possuem características próprias que os diferenciam dos MBAs, destinando-se a um público diferenciado, ao responderem às demandas do mercado. Por outro lado, Moura Castro (2005) defende com veemência a criação dos mestrados profissionais argumentando que o mercado empresarial necessita de profissionais com um nível de preparação que supera a graduação, mas critica a vinculação desses cursos de mestrados profissionais a programas de pós-graduação acadêmicos, observando, no entanto, que “o que está freando o desenvolvimento do mestrado profissional é a sua estrutura atrelada à pós-graduação acadêmica, que lhes tira a vida própria e os converte em prêmios de consolação ou

mendigos, no olimpo dos cursos acadêmicos” (MOURA CASTRO, 2005, p. 17). Na mesma linha, Fischer (2005) propõe que “o mestrado profissional seja valorizado como uma experiência inovadora capaz de contribuir para a renovação da pós-graduação brasileira” (p. 24).

Apesar desta discussão já datar de mais de uma década, o papel a ser desempenhado dos mestrados profissionais ainda não está, na prática, claramente definido e a sua aceitação pela academia ainda está longe de um consenso, conforme se pode constatar nas declarações de Fischer (2010a, p. 373) “[...] defendo uma posição favorável ao mestrado profissional como inovação em processo, que necessita ser objeto de pesquisa não só de modelos e práticas, como estruturas de superfície”. Em outra obra, a mesma autora (FISCHER, 2010b) continua o debate:

“Provavelmente já sabemos formar pesquisadores e talvez bons professores. De certa forma, o espelho do que pensamos ser e às vezes somos. Mais desafiador e mais interessante é formar profissionais para o mundo do trabalho nestes novos tempos que resgatam ideais desenvolvimentistas” (FISCHER, 2010b, p. 359).

Dentro deste contexto, este artigo tem por objetivo contribuir para a discussão do papel dos mestrados profissionais na mitigação deste problema (*rigor-relevance gap*). A partir desta introdução, o texto desenvolve-se em quatro partes. A primeira parte analisa, com base na literatura e na experiência acadêmica e profissional dos autores deste texto, as principais razões para a falta de alinhamento entre a pesquisa acadêmica e a prática profissional (*rigor-relevance gap*). A segunda apresenta algumas reflexões dos autores sobre as características dos mestrados profissionais da área de contabilidade e gestão e a terceira apresenta uma discussão sobre as abordagens metodológicas de pesquisa que julgamos mais adequadas para o desenvolvimento de pesquisas nestes mestrados. Esta busca de abordagens metodológicas alternativas, alinha-se com o pensamento de Bennis e O’Toole (2008), ao declararem que o problema das escolas de gestão e negócios não é a adoção do rigor científico, mas o abandono de outras formas de conhecimento. A quarta e última parte refere-se às considerações finais.

## PESQUISA ACADÊMICA, PRÁTICA PROFISSIONAL E RIGOR-RELEVANCE GAP

A principal dificuldade apresentada pela literatura para o fato em questão está relacionada à incorporação da técnica pela cultura. Antes de iniciar esta discussão, cabe mencionar os conceitos de técnica e tecnologia. De acordo com o Dicionário de Filosofia de Abbagnano (2012), a técnica “[...] compreende qualquer conjunto de regras aptas a dirigir eficazmente uma atividade qualquer” (p. 1106). Já tecnologia é definida como o “estudo dos processos técnicos de determinado ramo da produção ou de vários ramos” (p. 1109), ou ainda, em uma acepção mais antropológica do termo, como “a totalidade das técnicas dominadas por determinado grupo ou cultura” (p. 1109). Lalande (1973), por sua vez, define técnica da mesma forma que Abbagnano, mas define tecnologia como “[...] a teoria de uma técnica; mas algumas vezes (por uma metonímia frequente no uso dos termos em “*logia*”) a palavra é empregada para técnica ou conjunto de técnicas” (p. 597). Esta última definição de Lalande (1973) nos parece mais adequada para o propósito deste artigo.

Em relação às resistências de incorporação da técnica pela cultura, Simondon (1958/2012, 2005) observa que “[...] a cultura ignora na realidade técnica uma realidade humana e que, para desempenhar completamente seu papel, a cultura deve incorporar os seres técnicos sob a forma de conhecimento e senso de valor” (SIMONDON, 1958/2012, p. 9). O autor é bastante crítico em relação a esta situação, ressaltando que:

“A oposição levantada entre a cultura e a técnica, entre o homem e a máquina, é falsa e sem fundamento; ela só encobre a ignorância e o ressentimento. Ela esconde, por trás de um humanismo fácil, uma realidade rica em esforços humanos e em forças naturais, e que constitui o mundo dos objetos técnicos, mediadores entre a natureza e o homem” (SIMONDON, 2012, p. 9).

Ainda segundo o autor, esta situação de reconhecer certos objetos como estéticos (lhes concedendo um lugar de destaque no mundo das sig-

nificações e recusando outros), em particular os técnicos, como algo que não possui um significado, mas somente um uso, torna a cultura desequilibrada. Este desequilíbrio cultural pode, e muitas vezes tem, consequências desastrosas, pois, diante desta recusa pronunciada por uma cultura parcial, os homens que conhecem o objeto técnico e sentem seu significado procuram justificar o seu julgamento, dando a ele o único status atualmente valorizado além do objeto estético, o de objeto sagrado. Nasce assim, uma idolatria, um tecnicismo, uma aspiração tecnocrática ao poder incondicional (SIMONDON, 2012, p. 10). Para recolocar na cultura o caráter geral que ela perdeu, continua o autor, é necessário reintroduzir nela a consciência da natureza da técnica, de suas relações mútuas com o homem, e dos valores implicados nestas relações (SIMONDON, 2012, p. 15).

Esta preocupação com a incorporação da técnica à cultura advém do século XVIII, e é explicitada com a publicação da *Encyclopédie (dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers)*, escrita sob a direção de Denis Diderot (1713 – 1784) e Jean Le Rond D’Alembert (1717 – 1783) publicada na França em 17 volumes de texto e 11 de pranchas (desenhos técnicos) entre 1750 e 1772. Conforme observa Bombart, “[...] ciências e conhecimentos práticos estão estreitamente associados: uma das grandes novidades da enciclopédia é a importância e a dignidade que ela atribui aos conhecimentos técnicos, às ocupações (trabalho) e às artes mecânicas [...]” (BOMBART, 2008, p. 7-8).

Salienta ainda Bombart (2008, p. 125) que a grande força da enciclopédia é o papel de destaque que ela reserva àquilo que surge do conhecimento prático, sobretudo às tecnologias manufatureiras. O autor destaca que Diderot, se insurgindo contra a hierarquia tradicional que despreza a mão em favor do espírito, mostra que a reflexão teórica necessita da realização prática. A reflexão filosófica, para Diderot, é o resultado de idas e vindas permanentes entre a especulação e a observação, abstração e experimentação concreta.

Apesar de todos os esforços desenvolvidos, ainda falta muito a ser feito e, neste sentido, a constatação de Ellul (1990/2008) ainda permanece atual: “Nenhum fato social, humano, espiritual, tem tanta importância

como o fato técnico no mundo moderno. Nenhum domínio, no entanto, é tão desconhecido como o técnico” (ELLUL, 1990/2008, p. 1). Ainda relacionada com a incorporação da técnica à cultura, há que se observar também o aspecto ético, pois como observa Hotttois (1988, p. 10), a filosofia atual, mesmo partindo de uma perspectiva teórica de reflexão sobre a ciência contemporânea, vai encontrar no centro de seu objeto a atividade técnica:

“Em uma época em que o grande projeto ocidental de saber - a ciência - se torna cada vez mais operacional, ativo, manipulador; em uma época em que o saber é, em todos os níveis, sinônimo de poder e ação, a reflexão filosófica sobre a ciência deve ressaltar menos a razão pura do que a razão prática e, portanto, a ética” (HOTTOIS, 1988, p. 10).

Malmi (2010), ao tratar dos paradigmas vigentes no campo da contabilidade gerencial, observa que estes são úteis para qualquer comunidade científica, pois fornecem o foco, organizam o esforço e ajudam esta comunidade a acumular conhecimento sobre questões de seu interesse. Todavia, o autor ressalta que paradigmas podem se mostrar problemáticos quando restringem a criatividade e deixam certas questões sem respostas, questões que podem ser importantes tanto para as organizações como para a sociedade em geral. Além disto, comenta o autor: “Paradigmas também produzem elites acadêmicas; como todos sabem, as elites têm uma tendência e uma habilidade de reter seus privilégios; talvez isso explique, em parte, porque paradigmas parecem ser tão aderentes” (MALMI, 2010, p. 121).

Neste contexto, na visão Malmi (2010), existe uma forte resistência da elite acadêmica em patrocinar, ou mesmo aceitar, a realização de pesquisas baseadas em paradigmas alternativos. Esta elite vai preferir direcionar seus alunos a trabalhar dentro de um paradigma no qual se sintam confortáveis e “evitarão tentativas de realizar algo mais criativo, e mais arriscado” (MALMI 2010, p. 121). Esta visão reforça a opinião de Scapens (2006, p. 28), de que uma das possíveis causas do desalinhamento entre a pesquisa e as necessidades da prática é a falta de conhecimento prático por parte dos pesquisadores.

Já Baldvinsdottir, Mitchell e Nørreklit (2010) destacam que as pesquisas realizadas em contabilidade gerencial nos últimos anos têm focado, principalmente, no entendimento do comportamento dos práticos, não para orientar esse comportamento, o que é um grande avanço; os autores ressaltam ainda que as conclusões destes estudos estão muito mais voltadas para a realização de novas pesquisas do que para a prática. Dessa forma, os benefícios para o aperfeiçoamento da prática desta agenda de pesquisa são solapados, e esta é uma lacuna a ser preenchida, uma vez que “[...] o objetivo final da pesquisa em ciências sociais é o de melhorar a vida (ao invés de descrevê-la ou simplesmente entendê-la)” (BALDVINSDOTTIR; MITCHELL; NØRREKLIT, 2010, p. 82).

Ora, esta afirmação, “melhorar a vida”, implica, evidentemente, abandonar o paradigma da neutralidade, tão arraigado naqueles pesquisadores mais alinhados ao positivismo, cujo cenário pouco tem conseguido produzir mudanças para o aprimoramento da prática profissional, limitando-se a explicar e predizer algumas práticas em situações específicas (LEE, 2009, p. 153); “melhorar a vida”, significa intervir na realidade.

É curioso (e até irônico) notar que, até recentemente (final do século passado e início deste), predominavam no Brasil, na área de negócios, pesquisas acadêmicas que adotavam uma abordagem normativa, com resultados práticos bastante significativos, não só para os profissionais, como para a sociedade em geral. Ora, nada menos neutro do que uma norma que, ao regular, intervém de forma contundente na realidade, para o bem ou para o mal.

Cabe ainda o registro de que a construção do conhecimento contábil foi realizada pelos práticos. Colasse (2004) observa que a Contabilidade só passou a fazer parte da preocupação dos acadêmicos no final do século XIX, quando pesquisadores americanos passaram a “[...] formular enunciados para as noções operacionais e princípios utilizados pelos práticos” (COLASSE, 2004, p. 79) em uma tentativa de clarificar e normatizar essas noções e princípios.

Além das razões anteriormente relacionadas, que, aparentemente, são as mais relevantes, a literatura sugere outras que apontamos a seguir

sem, evidentemente, pretendermos esgotar o assunto. Alguns autores, como Van de Ven e Johnson (2006) e Bogt e Helden (2012), dentre outros, colocam a questão do *gap* entre teoria e prática como uma questão de transferência de conhecimento. Segundo Van de Ven e Johnson (2006), o pressuposto desta abordagem é a de que o conhecimento prático no campo profissional se origina, ao menos em parte, do conhecimento científico e que, portanto, o *gap* entre teoria e prática é um problema de tradução e difusão do conhecimento científico gerado pelas pesquisas científicas para a prática.

Os mesmos autores (VAN DE VEN; JOHNSON, 2006) identificam uma segunda abordagem para o tratamento da questão, que parte do pressuposto de que os conhecimentos teórico e prático são tipos distintos de conhecimento. Ainda segundo os autores, cada um reflete uma ontologia (significado de verdade) e uma epistemologia (método) diferentes para abordar questões diferentes. Todavia, argumentam que reconhecer que esses conhecimentos sejam diferentes não significa afirmar que estejam em oposição, ou que um substitui o outro, mas que, na verdade, se complementam. Baseados nestas duas abordagens, os autores propõem uma terceira abordagem que denominam de *engaged scholarship*, na qual pesquisadores e profissionais coproduzem conhecimento que pode fazer avançar a teoria e a prática em um determinado domínio. Esta abordagem é muito próxima da pesquisa intervencionista, discutida mais adiante neste artigo.

Outro aspecto relacionado à falta de alinhamento entre a pesquisa acadêmica e a prática profissional refere-se, ao menos no caso da academia brasileira, a aspectos ideológicos. Em texto recente, Giannotti (2016), que está longe de poder ser considerado um pensador conservador, defende que “[...] a criação e distribuição mais justa da riqueza econômica nos dias atuais dependem da produção capitalista [...]” (p. 32) e que os países que lograram sair da crise de 2008 o fizeram por meio de inovações tecnológicas, e que o desenvolvimento depende destas revoluções. No Brasil, continua o autor, apesar de contarmos com alguns centros de excelência, a pesquisa tecnológica abandonou a universidade e está desorganizada. E conclui: “quantas vezes se ouve nos campi que a universidade não deve colaborar

com o capital? Mas onde procurar a riqueza para socorrer a população mais pobre?” (GIANNOTTI, 2016, p. 32).

Cumpra ressaltar que, evidentemente, esta preocupação com o estreitamento do rigor relevance gap não é uma unanimidade entre os pesquisadores. Alguns, inclusive, rechaçam tal possibilidade: Kieser e Leiner (2009), fundamentados na teoria dos sistemas, defendem que os sistemas sociais são auto referenciais ou autopoieticos, ou seja, produzem suas próprias estruturas e os elementos de comunicação constituintes sem relação com seu entorno. Nesse sentido, os elementos de comunicação de um sistema, tal como a ciência, não podem ser autenticamente integrados à comunicação de outros sistemas, como o sistema de uma organização empresarial.

Outra linha crítica que se posiciona contra a aproximação da academia com a prática é aquela formada por acadêmicos preocupados com a industrialização do ensino. Sob esta ótica, já na década de 1950, Harold Innis, professor e pesquisador da Universidade de Toronto, propugnava que a abordagem utilitarista da formação universitária resulta do processo de mercantilização e industrialização do ensino, com tendência a fazer da universidade uma vasta escola profissional que responda às necessidades de mão de obra das empresas (TREMBLAY; PAQUELIN, 2016). Ainda segundo esse pesquisador canadense, a industrialização do ensino apresenta em seu escopo práticas universitárias como mercados que visam satisfazer o gosto dos estudantes e o interesse dos professores, respectivamente percebidos como clientes e fornecedores. Em contraponto, Moeglin (2016) identifica em Jacques Piveteau um defensor, na década de 1970, de uma nova educação, indicando a utilização de métodos ativos centrados nas pessoas, de modo a obstruir a forte e desastrosa ligação entre o autoritarismo e a industrialização da educação. No Brasil, a questão da industrialização do ensino também é preocupação dos pesquisadores, sendo que a literatura sobre o papel social da universidade - desvinculado dos interesses do mercado - é vasta e relevante, conforme demonstram os trabalhos de Araújo (2012), Dias e Serafim (2015), Sobrinho (2014) e Spatti, Serafim e Dias (2016).

## MESTRADO PROFISSIONAL

Os cursos de mestrado profissional (MP) foram regulamentados no Brasil pela Portaria Normativa nº 17, de 28 de dezembro de 2009, do Ministério da Educação, que dispõe sobre o mestrado profissional no âmbito da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. De acordo com esta Portaria, em seu Art. 4º, são objetivos do mestrado profissional:

I - capacitar profissionais qualificados para o exercício da prática profissional avançada e transformadora de procedimentos, visando atender demandas sociais, organizacionais ou profissionais e do mercado de trabalho; II - transferir conhecimento para a sociedade, atendendo demandas específicas e de arranjos produtivos com vistas ao desenvolvimento nacional, regional ou local; III - promover a articulação integrada da formação profissional com entidades demandantes de naturezas diversas, visando melhorar a eficácia e a eficiência das organizações públicas e privadas por meio da solução de problemas e geração e aplicação de processos de inovação apropriados; IV - contribuir para agregar competitividade e aumentar a produtividade em empresas, organizações públicas e privadas (BRASIL, 2009).

No documento referenciado, a CAPES enfatiza ainda que o objetivo do MP é contribuir para o aumento da competitividade do setor produtivo nacional e, para tanto, “[...] deve apresentar uma estrutura curricular que enfatize a articulação entre conhecimento atualizado, domínio da metodologia pertinente e aplicação orientada para o campo de atuação profissional específico” (CAPES, 2014). Além disso, a CAPES dispõe que “o trabalho final do curso deve ser sempre vinculado a problemas reais da área de atuação do profissional-aluno e de acordo com a natureza da área e a finalidade do curso”. (CAPES, 2014).

Conforme observam Takahashi, Verchai, Montenegro e Rese (2010, p.565), a principal diferença entre o Mestrado Acadêmico (MA) e o Mestrado Profissional (MP) é o produto final. No primeiro caso, espera-se que o curso forme um pesquisador (foco na academia) enquanto que, no se-

gundo, espera-se a formação de um profissional pesquisador (foco no mercado), ficando claro que a pesquisa é considerada relevante em ambos os casos. O quadro 1 apresenta uma síntese das principais características (e distinções) entre as duas modalidades.

**Quadro 1** Características do Mestrado Acadêmico e do Mestrado Profissional

<b>Critério</b>	<b>Mestrado Acadêmico (MA)</b>	<b>Mestrado Profissional (MP)</b>
1. Conceito/ Objetivo	Pretende-se pela imersão na pesquisa formar, em longo prazo, o pesquisador	Formar alguém que, no mundo profissional, saiba localizar, reconhecer identificar e, sobretudo, utilizar a pesquisa de modo a agregar valor a suas atividades
2. Perfil docente	Todos os docentes devem ter título de doutor. O corpo docente pode ser constituído de docentes permanentes, colaboradores e visitantes. Os permanentes devem possuir vínculo de emprego em regime de 40 horas semanais com a IES mantenedora do curso	Os docentes e orientadores devem ter título de doutor ou qualificação profissional inquestionável, incluindo produção intelectual de alto nível. Os docentes selecionados por qualificação profissional poderão atuar como coorientadores e constituirão parcela restrita do corpo docente
3. Perfil discente	Profissionais de mercado, com interesse em aprofundar conhecimento e se manter no mercado ou seguir carreira acadêmica. Graduados com interesse em seguir carreira acadêmica ou ingressar no mercado de trabalho	Profissionais, com atuação no mercado, com interesse em aprofundar seus conhecimentos e voltar para o mercado. O perfil deve estar identificado com a demanda social a ser atendida pelo curso

4. Trabalho de conclusão	Investigação de um tópico especial da matéria de opção resultando em uma dissertação que evidencie suas pesquisas	Mesmo rigor exigido no MA, resultando também em uma dissertação com investigação aplicada à resolução de problemas
5. Destino do Egresso	Pesquisa, docência ou atuação na empresa	Pesquisa, docência ou atuação na empresa
6. Financiamento	Fontes públicas	Fontes públicas e privadas
7. Regulação	Parecer 977/65 CES; Resolução CNE/CES, 1 de 03/04/2001	Parecer 977/65 CES; Portarias 47/95 CAPES, 080/98 CAPES e 17 de 28/12/2009-CNE
8. Avaliação	Sistema CAPES	Sistema CAPES

Fonte: Takahashi, Verchai, Montenegro e Rese (2010, p.566)

Nas considerações finais de seu artigo, Takahashi, Verchai, Montenegro e Rese (2010, p. 573) concluem que “percebe-se que o MA é uma proposta consolidada no Brasil, enquanto o MP é uma modalidade ‘em construção’. Esse caráter ‘inacabado’ dos MPs gera contradições, ambiguidades e muitas críticas sobre seu papel, os quais muitas vezes os aproximam dos MAs ou dos MBAs, modalidades que ‘antecedem’ os MPs”.

O que se constata atualmente é que o MP, nas áreas de contabilidade e de gestão, ainda continua sendo uma modalidade em construção. Sua aceitação pela comunidade acadêmica, que, cabe ressaltar, foi quem o criou, ainda está longe de ser unânime. Os critérios de avaliação da CAPES, embora tenham evoluído bastante nestes últimos anos, ainda se apegam a critérios de calculabilidade, sem se preocupar muito com o seu produto final, que é o desenvolvimento de tecnologias de gestão, tal qual as ideias de Armstrong e Sperry (2006) e Bennis e O’Toole (2008), quando observam que a academia adotou um modelo inadequado de excelência acadêmica que, ao invés de se basear na competência de seus graduados, privilegia rigor científico.

Além disto, os meios para a divulgação da produção técnica destes mestrados (relatos tecnológicos) ainda são muito escassos, uma vez que periódicos classificados como técnicos pela CAPES ainda são em número muito reduzido. Este fato inibe este tipo de produção, uma vez que os pesquisadores são avaliados em suas instituições pelos mesmos critérios de calculabilidade adotados pela CAPES. A grande maioria dos periódicos indexados da área de gestão no Brasil sequer cogita avaliar para uma eventual publicação este tipo de trabalho (relato tecnológico), embora já se registrem algumas exceções em periódicos bem classificados, como é o caso da Revista de Administração Contemporânea (RAC). No caso dos eventos científicos (congressos, seminários, encontros etc.), a flexibilidade é um pouco maior, uma vez que existe um evento específico para área, o Encontro dos Mestrados Profissionais em Administração (EMPRAD), já em sua quinta edição. Outros eventos tradicionais da área (Enanpad, Se-mead, dentre outros) também reservam espaço para submissão de relatos tecnológicos. Entretanto, cabe ressaltar que a maioria dos avaliadores ainda carrega o “olhar acadêmico” para apreciação dos trabalhos, ou seja, é mister discutir também o preparo destes avaliadores. Afinal, existem até casos em que relatos tecnológicos foram recusados por não terem “hipóteses a serem testadas”.

Outro aspecto a ser mencionado é o caráter “científico” do produto final desses mestrados, ou seja, de sua dissertação. Este fato já foi discutido por Mattos (1997):

[...] se a academia se supõe credenciada, pela natureza do que produz, a falar ao mundo da empresa e da produção, é forçoso que aceite discutir formas alternativas de produzir conhecimento crítico com finalidades práticas que não o atendimento de suas próprias preocupações e polêmicas internas, ou a manutenção de suas tradições e instituições” (MATTOS, 1997, p. 163).

São essas “formas alternativas de produzir conhecimento crítico com finalidades práticas” que são discutidas na sequência, em especial a pesquisa intervencionista.

## PESQUISA INTERVENCIONISTA E A CRIAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DE TECNOLOGIAS

De acordo com Suomala e Yrjänäinen (2012), a pesquisa intervencionista tem sido sugerida como uma forma possível de produzir pesquisa em contabilidade gerencial com relevância prática. Nela, “[...] ao invés de um simples observador, o pesquisador está ativamente tentando exercer uma influência na organização em observação, ou seja, intervir” (SUOMALA; YRJÄNÄINEN, 2012, p. 9). Ainda segundo os autores, a pesquisa intervencionista pode ser vista como uma espécie de estudo de caso, no qual o pesquisador está profundamente envolvido com o objeto de estudo. A pesquisa intervencionista, continuam os autores, faz parte de um *cluster* de abordagens metodológicas que inclui posturas como *action research*, *action science*, *design science*, *clinical research*, *constructive research*, *innovation action research* e *conditional-normative research*. Estas formas alternativas de pesquisa intervencionista diferem, segundo Suomala e Yrjänäinen (2012), pela importância que atribuem às visões práticas e teóricas do estudo, bem como à intensidade da intervenção do pesquisador.

Com base nas proposições de Labro e Tuomela (2003), Suomala e Yrjänäinen (2012, pp. 11-12), além de discorrerem sobre fatores críticos no tocante à preparação de um projeto de pesquisa, apresentam algumas sugestões metodológicas para condução de uma pesquisa intervencionista: assegurar o compromisso e o entusiasmo não só dos pesquisadores, mas também de vários colaboradores da empresa; checar a disponibilidade de recursos suficientes para a condução da pesquisa; confirmar a consistência entre os valores dos pesquisadores e administradores; investir na compreensão da gestão e da lógica da pesquisa; e estabelecer um acordo em relação à publicação dos resultados da pesquisa.

Os autores registram também que o trabalho em equipe, durante a fase empírica do estudo, é importante não só para garantir a aceitação do constructo desenvolvido, mas também para assegurar a interpretação dos resultados do trabalho, uma vez que diferentes tipos de contribuições teóricas devem ser reconhecidos.

Com relação ao caráter da intervenção, Suomala e Yrjänäinen (2012, pp. 17-22), baseados em Jönsson e Lukka (2007), desenvolveram um modelo mais refinado para medir *ex-post* a intensidade e o foco da intervenção. Os autores usaram uma escala de 1 a 5 para avaliar a intensidade da intervenção, sendo que o nível 1 refere-se a uma intervenção fraca, e o nível 5 a uma intervenção forte. Também utilizaram uma escala de 1 a 5 para avaliar o foco da intervenção, sendo que o nível 5 refere-se à pesquisa com foco em constructos de contabilidade gerencial e o nível 1 refere-se a outros campos do conhecimento. As Tabelas 1 ilustra este modelo.

**Tabela 1** Modelo para avaliar a intensidade e o foco da intervenção

F O C O	5					
	4				Exemplo	
	3					
	2					
	1					
		1	2	3	4	5
		Fraca	INTENSIDADE			Forte

**Fonte:** Suomala e Yrjänäinen (2012, p. 20)

No exemplo ilustrado na Tabela 1, identifica-se uma pesquisa interencionista com nível 4 de intensidade, e também nível 4 de foco. O significado destes níveis é apresentado no Quadro 1.

**Quadro 1** Abordagem para analisar projetos selecionados de pesquisa

Nível	Intensidade	Foco
5	Forte colaboração – O pesquisador é encarado pela empresa como “um dos nossos”.	Intervenção somente em ferramenta práticas de Contabilidade Gerencial
4	Participação ativa e versátil. “quase da família”.	Intervenção principal em Contabilidade Gerencial e parcial em outros campos.
3	Participação rica, mas dentro de um domínio limitado.	Foco igual em Contabilidade Gerencial e em outros campos.
2	Expert externo, participação limitada.	Foco principal em outras disciplinas, mas também em Contabilidade Gerencial.
1	Intervenção pela presença. Participação muito limitada no processo	Foco só em outras disciplinas.

**Fonte:** Suomala e Yrjänäinen (2012, p. 20)

Faz-se necessário reconhecer, no entanto, que a pesquisa intervencionista está longe de ter uma aceitação unânime e recebe críticas severas por setores da academia. Van de Ven e Johnson (2006) relatam que muitas destas críticas estão relacionadas com o envolvimento dos práticos na formulação das questões de pesquisa, e rebatem: “ironicamente, este argumento parece assumir que a formulação das questões de pesquisa deve ser deixada para os acadêmicos” (VAN DE VEM; JOHNSON, 2006, p. 810). Ressaltam ainda que, ao interagir com os práticos, os pesquisadores podem ser cooptados pelos interesses de *stakeholders* poderosos.

Huang (2010) define a *action research*, da qual a pesquisa intervencionista é uma derivação, como uma orientação para criação do conhecimento que surge em um contexto da prática e requer que os pesquisadores trabalhem junto com os práticos. Ao analisar as relações da *action research* com outras abordagens de pesquisas e de práticas, a autora apresenta algu-

mas observações importantes, que sintetizamos a seguir: a) *action research* é semelhante à pesquisa qualitativa, e frequentemente utiliza os mesmos métodos. Todavia, a pesquisa qualitativa é uma pesquisa sobre a prática e não com os práticos; b) consultoria é um trabalho feito para práticos (normalmente para elite deles, ou seja, por aqueles que podem pagar para terem as suas preocupações solucionadas). *Action research* necessariamente se estende para além de um relacionamento de consultoria, por se engajar de forma mais sistemática com a criação do conhecimento; c) segundo a autora, alguns podem confundir *action research* com pesquisa aplicada, mas esta última também é distinta, pois é sobre a prática e gerada por pesquisadores acadêmicos, sendo depois oferecida por estes para serem usadas pelos práticos.

Em suma, buscamos desfazer os preconceitos em relação a esta metodologia de pesquisa, salientando que seu uso já está consolidado em outros campos do conhecimento, tanto nacional quanto internacionalmente, como por exemplo no campo da medicina, do direito e da engenharia, e os resultados obtidos não deixam dúvidas com relação à sua eficácia. Evidentemente que não pretendemos reivindicar a exclusividade deste método de pesquisa para os mestrados profissionais, mas apenas que ele seja reconhecido, sem “restrições *a priori*”, como mais uma metodologia capaz de resolver problemas práticos e criar conhecimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo foi o de contribuir para a discussão do papel dos mestrados profissionais na mitigação do *rigor-relevance gap*. Neste sentido, o que podemos sugerir após esta reflexão é que, para que essa contribuição se torne mais efetiva, alguns passos importantes ainda precisam ser dados.

O primeiro (e talvez o mais importante) é o aperfeiçoamento dos critérios de avaliação da CAPES, para que se tornem mais focados no produto final, do que no rigor acadêmico e na calculabilidade da produção acadêmica. É necessário reconhecer o esforço que já vem sendo aplicado nesse sentido, mas permanece ainda muito a se fazer.

Embora o caminho a ser percorrido seja longo, certas ações são urgentes. Um esforço conjunto da CAPES, instituições de ensino, pesquisadores e discentes é necessário, a menos que concordemos com Kieser e Leiner (2009): “pesquisadores e práticos não podem produzir pesquisa de forma colaborativa, eles só podem irritar uns aos outros, mas mesmo estes céticos reconhecem que, todavia, algumas vezes, irritações ou provocações se tornam inspiradoras” (p. 516).

Aqui cabe mencionar as advertências de Worrall, Lubbe e Klopper (2007, p.311) de que “[...] há riscos reais para os acadêmicos, caso eles não consigam cooptar seus principais *stakeholders* para formas mais colaborativas de pesquisa”, caso contrário, continuam os autores, “esta lacuna será preenchida pelos próprios práticos”. Ou seja, corre-se o risco da ausência do rigor científico necessário para ampliar o conhecimento do campo em questão.

Outros aspectos a serem considerados incluem: aceitação, por parte da academia, da utilização de paradigmas de pesquisas alternativos; constatação de que a pesquisa intervencionista é um método de pesquisa como qualquer outro, capaz de resolver problemas práticos e gerar conhecimento; ampliar o espaço para a divulgação da produção dos mestrados profissionais, incluindo os relatos tecnológicos. Só assim os mestrados profissionais poderão consolidar sua atuação na academia brasileira da área, e

contribuir de forma mais efetiva para o desenvolvimento social, por meio da criação de tecnologias de contabilidade e gestão.

Por fim, cabe o registro de que estas sugestões reverberam discussão recorrente na academia. Sidor (2015), por exemplo, em seu trabalho sobre o debate do rigor e da relevância na academia, apresenta uma série de indicações, dentre as quais destacam-se: os acadêmicos devem examinar os problemas com os quais os profissionais realmente se preocupam, para ganhar mais relevância sem abandonar o rigor; adotar medidas, nas escolas de negócio, uma vez que métodos de instrução e pesquisa podem impactar na atitude que os pesquisadores têm em relação à relevância e à prática; publicar estudos especificamente para as pessoas que trabalham no campo da gestão em linguagem acessível para estes. Assim, tais medidas tendem a minimizar um grande obstáculo, responsável pelo *rigor-relevance gap*. Os pesquisadores devem produzir versões alternativas de suas pesquisas, focando no que é relevante para os práticos, mesmo que as versões originais enfatizem mais o rigor científico. Ademais, líderes empresariais devem ser incentivados a viabilizar um melhor fluxo de informação entre os dois grupos, de modo a possibilitar alcance do nível apropriado de rigor ou relevância que desejam.

Para continuação da análise do cenário aqui desenhado, propõe-se discussão do tema a partir de provocações apresentadas por autores brasileiros, como Mascarenhas, Zambaldi e Moraes (2011), Oyadomari, Cardoso, Mendonça Neto, Antunes e Aguiar (2013), Oyadomari, Silva, Mendonça Neto e Riccio (2014) e Antunes, Mendonça Neto e Vieira (2016), que também têm se preocupado com o tema, produzindo trabalhos voltados para sugestão de metodologias de pesquisa alternativas com o objetivo de reduzir o *rigor-relevance gap*, notadamente metodologias de características intervencionistas, na linha proposta por Suomala e Yrjänäinen. Ademais, a questão de, tradicionalmente, a universidade concentrar sua missão em desenvolver conhecimento com ênfase na “ciência pura”, relegando muitas vezes as necessidades práticas presentes em seu entorno, pode servir também como provocação para investigações futuras.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. Dicionário de Filosofia (obra original publicada em 1971). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes Ltda, 2012.
- AHRENS, T.; CHAPMAN, C. S. Management accounting as practice. *Accounting, Organizations and Society*, v. 37, n.1-2, p. 1-27, 2010.
- ANTUNES, M. T. P.; MENDONÇA NETO, O. R.; VIEIRA, A. M. Pesquisa intervencionista e mestrados profissionais: perspectivas de sua prática nos cursos da área de gestão. *Indagatio Didactica*, v. 8, n. 3, p. 53-68, 2016.
- ARAÚJO, A. J. Ensaio sobre a universidade e sua função social. *Filosofando: Revista de Filosofia da UESB*, v.1, n.1, p. 38-47, 2012.
- ARMSTRONG, S.; SPERRY, T. Business School prestige - research versus teaching. *Revista Organizações em Contexto*, v. 2, n. 3, p. 83-101, 2006.
- BALDVINSDOTTIR, G.; MITCHELL, F.; NØRREKLITC, H. Issues in the relationship between theory and practice in management accounting. *Management Accounting Research*, v. 21, p. 79-82, 2010.
- BARTUNEK, J. M.; RYNES, S. L. Academics and practitioners are alike and unlike: the paradoxes of academic-practitioner relationships. *Journal of Management*, v. 40, n. 5, p. 1181-1201, 2014.
- BENNIS, W.; O'TOOLE, J. How Business Schools Lost Their Way. *Harvard Business Review*, v. 83, n. 5, p. 96-115, 2005.
- BOGT, H.; HELDEN, J. The practical relevance of management accounting research and the role of qualitative methods therein. *Qualitative Research in Accounting & Management*, v. 9, n. 3, p. 265-273, 2012.
- BOMBART, M. *Encyclopédie, ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers - textes choisis*. Paris: Editions Gallimard, 2008.
- BRASIL. *Portaria Normativa nº 17*, de 28 de dezembro de 2009, Ministério da Educação, 2009.
- CAPES. (2014). *Mestrado Profissional: o que é?* 2014. Disponível em <http://www.capes.gov.br/avaliacao/sobre-a-avaliacao/mestrado-profissional-o-que-e>. Acesso em 20 de novembro de 2017.
- COLASSE, B. La comptabilité: un savoir d'action en quête de théories. In : BARBIER, F. M. (ed.). *Savoirs théoriques et saviors d'action*. 2 ed., Paris: Presses Universitaires de France, 2004.
- COLEMAN, L. Why finance theory fails to survive contact with the real world: a fund manager perspective. *Critical Perspectives on Accounting*, v. 25, p. 226-236, 2014.
- DIAS, R ; SERAFIM, M. Comentários sobre as transformações recentes na universidade pública brasileira. *Avaliação*, v. 20, n. 2, p. 335-351, 2015.

ELLUL, J. *La technique ou l'enjeu du siècle* (obra original publicada em 1990). Paris: Éditions Economica, 2008.

FISCHER, T. Mestrado profissional como prática acadêmica. *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, v. 2, n. 4, p. 24-29, 2005.

FISCHER, T. Reimaginar a pós-graduação: resgatando o elo perdido. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 14, n. 2, p. 372-376, 2010a.

FISCHER, T. Sobre maestria, profissionalização e artesanato intelectual. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 14, n. 2, p. 353-359, 2010b.

FREZATTI, F. Management accounting profile of firms located in Brazil: a field study. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 9, n. 2, p. 147-165, 2005.

GIANNOTTI, J. A. Pátria Falastrona. *Cult*, n. 209, p. 32, 2016.

HOPEWOOD, A. G. On trying to study accounting in the contexts in which it operates. *Accounting, Organizations and Society*, v. 8, n. 2-3, p. 287-305, 1983.

HOTTOIS, G. *Évaluer la technique*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1988.

HUGHES, T.; O'REGAN, N.; WORNHAM, D. The credibility issue: closing the academic/practitioner gap. *Strategic Change*, n. 17, p. 215-233, 2008.

JÖSSON, S.; LUKKA, K. There and back again: doing interventionist research in management accounting. *Handbook of Management Accounting Research*, v. 1, Elsevier, Oxford, p. 399-414, 2007.

KIESER, A.; LEINER, L. Why the Rigour-Relevance Gap in Management Research is Unbridgeable. *Journal of Management Studies*, v. 46, n. 3, p. 516-533, 2009.

LABRO, E.; TUOMELA, T. S. On bringing more action into management accounting research: process considerations based on two constructive case studies. *European Accounting Review*, v. 12, n. 3, p. 409-442, 2003.

LALANDE, A. *Vocabulário técnico e crítico da filosofia - v. II*. Porto: Rés Editora Ltda, 1973.

LEE, T. A. Financial Accounting Theory. In: EDWARDS, J. E.; WALKER, S. (eds.), *The Routledge companion to accounting history*. Abingdon: Routledge, 2009.

MALMI, T. Reflections on paradigms in action in accounting research. *Management Accounting Research*, v. 21, p. 121-123, 2010.

MALMI, T.; GRANLUND, M. In search of management accounting theory. *European Accounting Review*, v. 18, n. 3, p. 597-620, 2009.

MASCARENHAS, A. O.; ZAMBALDI, F.; MORAES, E. A. Rigor, relevância e desafios da academia em administração: tensões entre pesquisa e formação profissional. *Revista de Administração de Empresas*, v. 51, n. 3, p. 265-279, 2011.

MATTOS, P. L. Dissertações não acadêmicas em mestrados profissionais: isso é possível? *Revista de Administração Contemporânea*, v. 1, n. 2, p. 153-171, 1997.

MOEGLIN, P.; PETIT, L. Jacque Piveteau, comme la production industrielle, le système scolaire? In: MOEGLIN, P. (Ed.). *Industrialiser l'éducation: anthologie commentée (1913-2012)*. Vincennes: Presses Universitaires de Vincennes, 2016.

MOURA CASTRO, C. A hora do mestrado profissional. *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, v. 2, n. 4, p. 16-23, 2005.

NICOLAI, A. T.; SCHULZ, A. C.; GÖBEL, M. Between sweet harmony and a clash of cultures: does a joint academic-practitioner review reconcile rigor and relevance? *The Journal of Applied Behavioral Science*, v. 47, n. 1, p. 53-75, 2011.

OYADOMARI, J. C. T.; CARDOSO, R. L.; MENDONÇA NETO, O. R.; ANTUNES, M. T. P.; AGUIAR, A. B. Criação de conhecimento em práticas de controle gerencial: análise dos estudos internacionais. *Advances in Scientific and Applied Accounting*, v. 6, n. 1, p. 4-30, 2013.

OYADOMARI, J. C. T.; SILVA, P. L.; MENDONÇA NETO, O. R.; RICCIO, E. L. Pesquisa intervencionista: um ensaio sobre as oportunidades e riscos para pesquisa brasileira em contabilidade gerencial. *Advances in Scientific and Applied Accounting*, v. 7, n. 2, p. 244-265, 2014.

SCAPENS, R. W. Understanding management accounting practices: a personal journey. *The British Accounting Review*, n. 38, p. 1-30, 2006.

SCAPENS, R. W. Practice, theory and paradigms. *Management Accounting Research*, v. 21, p. 77-78, 2010.

SEAL, W. Managerial discourse and the link between theory and practice: from ROI to value-based management. *Management Accounting Research*, v. 21, p. 95-109, 2010.

SIDOR, J. Debate over rigor and relevance in scientific study of management. *Management and Business Administration*, v. 23, n. 2, p. 32-46, 2015.

SIMONDON, G. *L'invention dans les techniques*. Paris: Éditions du Seuil, 2005.

SIMONDON, G. *Du mode d'existence des objets techniques* (obra original publicada em 1958). Paris: Éditions Aubier, 2012.

SOBRINHO, J. D. Universidade e novos modos de produção, circulação e aplicação do conhecimento. *Avaliação*, v. 19, n. 3, p. 643-662, 2014.

SOBRINHO, J. D. Universidade fraturada: reflexões sobre conhecimento e responsabilidade social. *Avaliação*, v. 20, n. 3, p. 581-601, 2015.

SOUZA, M. A. ; LISBOA, L. P. ; ROCHA, W. Práticas de contabilidade gerencial adotadas por subsidiárias brasileiras de empresas multinacionais. *Revista Contabilidade e Finanças*, v. 32, p. 40-57, 2003.

SPATTI, A. C.; SERAFIM, M. P.; DIAS, R. D. Universidade e pertinência social: alguns apontamentos para reflexão. *Avaliação*, v. 21, n. 2, p. 341-360, 2016.

SUOMALA, P.; YRJÄNÄINEN, J. L. *Management research in practice*. New York: Routledge, 2012.

TAKAHASHI, A. R. W.; VERCHAI, J. K.; MONTENEGRO, L. M.; RESE, N. Mestrado profissional e mestrado acadêmico em administração: convergências, divergências e desafios aos programas de pós-graduação stricto sensu no Brasil. *Administração: Ensino e Pesquisa*, v. 11, n. 4, p. 551-578, 2010.

TREMBLAY, G.; PAQUELIN, D. Harold A. Innis: um doyen contre les derives de l'industrialisation. In: MOEGLIN, P. (Ed.). *Industrialiser l'éducation: anthologie commentée (1913-2012)*. Vincennes: Presses Universitaires de Vincennes, 2016.

VAN DE VEN, A. H.; JOHNSON, P. E. Knowledge for theory and practice. *Academy of Management Review*, v. 31, n. 4, p. 802-821, 2006.

WOOD JR., T.; PAES DE PAULA, A. P. O fenômeno dos MPAs brasileiros: hibridismo, diversidade e tensões. *Revista de Administração de Empresas*, v. 44, n. 1, p. 116-129, 2004.

WORRALL, L.; LUBBE, S.; KLOPPER, R. Academic Research and Management Practice: Is the Relevance Gap Closing? *Alternation*, v. 14, p. 292-316, 2007.

## DADOS DOS AUTORES

**OCTAVIO RIBEIRO DE MENDONÇA NETO** *octavio.mendonca@mackenzie.br*

Doutor em Ciências Contábeis pela USP

Instituição de vinculação: Universidade Presbiteriana Mackenzie

São Paulo/SP - Brasil

Áreas de interesse em pesquisa: Pesquisa Intervencionista – Contabilidade Gerencial;

Educação Contábil; Sociologia das Profissões.

*Rua da Consolação 896 - Prédio Rev. Modesto Carvalhosa Consolação São Paulo/SP 01302-907*

**ALMIR MARTINS VIEIRA** *almir.vieira@gmail.com*

Doutor em pela UNESP

Instituição de vinculação: Universidade Metodista de São Paulo

São Bernardo do Campo/SP - Brasil

Áreas de interesse em pesquisa: Ensino de Administração; Pesquisa Qualitativa.

**JOSÉ CARLOS TIOMATSU OYADOMARI** *oyadomari@mackenzie.br*

Doutor em Ciências Contábeis pela USP

Instituição de vinculação: Universidade Presbiteriana Mackenzie

São Paulo/SP - Brasil

Áreas de interesse em pesquisa: Pesquisa intervencionista, Contabilidade gerencial, Indicadores organizacionais e Desempenho organizacional.